

estreita relação entre elas; as transformações na crítica ilustrada, das caricaturas à *charge* moderna; as relações entre Governo e imprensa e a legislação sobre censura; o aparecimento, desenvolvimento e mudanças nos métodos como a entrevista, a reportagem, o inquérito; o desenvolvimento do jornal como empresa, quanto aos recursos necessários e os disponíveis e suas fontes; os órgãos especializados em medicina, agricultura, economia, humorismo, etc.; o interessantíssimo estudo da imprensa clandestina; a apreciação mais demorada da imprensa de província, ao longo do tempo. Certo, todos esses aspectos são interessantes ou importantes, mas dificilmente caberiam numa síntese como esta. Nem foi preocupação deste trabalho o arrolamento de periódicos, a fixação de suas prioridades de aparecimento, de suas datas, de seu tempo de circulação — os casos individualizados permanecem à guisa de exemplo, destinados a tipificar situações ou etapas.

No que se refere à imprensa, mais talvez do que em outro qualquer gênero de trabalho intelectual, cabe recordar as palavras do grande economista, que foi também homem de pensamento: “Houve tempo, como na Idade Média, em que não se trocava senão o supérfluo, o excedente da produção sobre o consumo. Houve, também, tempo em que não somente o supérfluo, mas todos os produtos, toda a existência industrial, passaram ao comércio, em que a produção inteira dependia da troca. Veio, finalmente, tempo em que tudo o que os homens tinham visto como inalienável tornou-se objeto de troca, de tráfico, e podia ser alienado. Este foi o tempo em que as próprias coisas que, até então, eram transmitidas mas jamais compradas — virtude, amor, opinião, ciência, consciência, etc. — em que tudo, enfim, passou ao comércio. Este foi o tempo da corrupção geral, da venalidade universal ou, para falar em termos de Economia Política, o tempo em que tudo, moral ou físico, tornando-se valor venal, é levado ao mercado para ser apreciado no justo valor”.

É talvez interessante salientar, por último, que este trabalho pretende também contribuir para a compreensão do óbvio, isto é, de que só existe imprensa livre quando o povo é livre; imprensa independente, em nação independente — e não há nação verdadeiramente independente em que o seu povo não seja livre.